

KENNEDY RYAN

ANTES DE ME LIBERTAR DE VOCÊ



FARO
EDITORIAL



**ANTES
DE ME
LIBERTAR
DE VOCÊ**



KENNEDY RYAN

Tradução de Carlos Szlak

**ANTES
DE ME
LIBERTAR
DE VOCÊ**



JOSIAH

“No meio da jornada da vida, após ter me desviado do caminho verdadeiro, encontrei-me embrenhado numa selva escura.”

— Dante Alighieri, *Inferno*

Será que as *pessoas* se lembram do momento exato em que se apaixonam?

Eu lembro. Yasmen me trouxe canja de galinha que ela tinha preparado quando fiquei tão doente que doía só de piscar os olhos. Tinha gosto de água suja e velha. Ela não foi capaz de preparar uma canja direito. Não sei como alguém consegue essa proeza. Yasmen ficou me observando, cheia de expectativa, com aqueles olhos de corça e cílios longos. Meu Deus, nunca vou esquecer sua expressão quando cuspi aquela sopa; mas estava tão ruim, e eu estava tão doente, que nem consegui disfarçar.

Por um instante, Yasmen pareceu chateada, mas, em seguida, apesar de sentir que alguém me fez pisar em brasas ou me espetou com agulhas, comecei a rir. Então, ela também começou a rir e eu me perguntei se isso — encontrar alguém com quem você consegue rir quando tudo dói — era a matéria de que um final feliz era feito. Não de beijos açucarados, passeios de balão ou caminhadas românticas sob a lua cheia. Todo o meu corpo latejava com a praga que me infectava, mas naquele dia, Yasmen me deixou feliz. No meio de uma gripe brava, ela me fez rir.

E eu soube.

Fui além de uma atração louca e um pouco submissa e cheguei a algo real. Ao amor. Aquele momento está gravado em minha memória. É algo que nunca vou esquecer.

E assim, apenas alguns meses depois, aqui estamos nós.

— O que acha? — Yasmen pergunta, tirando os olhos de algo em que está trabalhando.

Ela está sentada junto à pequena mesa da sala de estar/sala de jantar/cozinha integradas do meu apartamento de um quarto e decoração de estudante pobretão.

— Acho sobre o quê? — respondo, sentado na cadeira de estofamento rasgado em frente a ela.

— Canja.

— Amor, por favor, não faça canja de novo. Ainda estou me recuperando da última vez que você tentou.

Ela olha para mim com alguma frieza, mas com os cantos da boca lutando contra um sorriso.

— Poxa, não estava falando de fazer canja. Você nem estava me escutando? E se você desse o nome de Canja para o seu restaurante? Foi isso o que eu disse.

Numa iniciativa sem precedentes, levei uma garota para casa no Natal. Ela e a minha tia Byrd se deram bem logo de cara e, na véspera do Ano-Novo, as duas estavam planejando um restaurante que eu poderia abrir usando minha pós em administração de empresas e as receitas de família da tia Byrd.

— Ah, claro. Canja. — Puxo a cadeira para mais perto de Yasmen e afasto para trás as tranças que caem em cascata sobre seu ombro. — Parece legal.

— Parece legal? — Ela põe a mão em minha testa. — Você está doente de novo? O Josiah Wade que conheço encontra defeitos em todas as sugestões e sempre tem a postos um “sim, mas”.

Yasmen tem razão. Meu pai era do exército; um capataz severo, que nunca se contentou com nada na vida. Ele planejava cada movimento como se fosse uma operação militar. O controle, a disciplina e a razão o promoveram na hierarquia. Foi isso o que ele incutiu em mim, mesmo no pouco tempo que tive ao seu lado antes de ele morrer, mas tudo isso vai para o espaço neste momento em que percebo que não só amo Yasmen, mas também quero amá-la pelo resto da minha vida.

— Casa comigo.

As palavras escapam suaves e certas. E eu tenho certeza. Um atuário calculando uma dúzia de avaliações de risco não poderia ter tanta certeza quanto eu tenho neste momento. Yasmen e eu temos que ficar juntos.

Ela larga a caneta e fica boquiaberta.

— Co-como é? — A respiração entrecortada faz seus lábios tremerem e os olhos se arregalam.

— Casa comigo.

De maneira improvável — porque tudo isso é tão fora do normal para mim quanto uma cabra sapateando —, caio de joelhos na frente de Yasmen, com o coração aos pulos no peito. Uma cena digna de pedido de casamento de filme romântico. Levanto os braços e seguro o seu rosto, com os ossos chanfrados e as curvas delicadas se encaixando perfeitamente em minhas palmas.

— Eu te amo, Yasmen.

Com a expressão confusa, ela faz que sim com a cabeça.

— Eu sei. Eu... também te amo, mas pensei em esperar até você terminar a pós-graduação.

— Estou quase no fim. Falta um semestre. O seu contrato de aluguel acaba no mês que vem. O momento perfeito para você vir morar comigo. — Com um gesto de mão, aponto para o apartamento caindo aos pedaços e pouco mobiliado. — Não quer se juntar a mim nesta vida de luxo?

Yasmen ri, e um sorriso largo surge em seu belo rosto. Na primeira vez que a vi, meus amigos riram, porque eu parava no meio de qualquer besteira que estivesse dizendo e ficava a admirando. Aquele não era eu. Por mais atraente que alguma garota fosse, nenhuma jamais me embasbacou à primeira vista daquele jeito. Quero ver a sua pele negra e macia, os seus lábios carnudos, os seus cílios espessos em meus filhos.

— Você é louco — ela sussurra.

— Tenho certeza de que te amo. — Traço o arco escuro e sedoso da sua sobrancelha. — Você tem certeza de que me ama?

E eu vejo. Vejo a tranquilidade, a certeza, o amor sufocarem as suas dúvidas e hesitações. Ela se levanta da cadeira bamba, se ajoelha para me encarar e espalha beijos fugazes em meu rosto. Eles roçam os meus lábios e os meus olhos como borboletas que esvoaçam fora do alcance, me impedindo de agarrá-las. Quero voltar a segurar o seu rosto, fazê-la ficar quieta para poder beijá-la, mas os meus braços pendem estendidos ao lado do corpo, entorpecidos com a magnitude do que está acontecendo. Por fim, Yasmen pega as minhas mãos e olha diretamente para mim. Lágrimas se acumulam nos seus olhos e começam a rolar pelo seu rosto.

— Sim, Josiah Wade — ela sussurra. — Eu quero me casar com você.

Meu corpo volta à vida e eu a puxo para mim pela curva dos seus quadris. Pressiono as mãos na elasticidade quente das suas costas. Ela é toda paixão e tentação. Na ausência de um anel de noivado, selo o nosso compromisso com um emaranhado escorregadio de línguas e lágrimas.

O beijo é ardente, e doce, e voraz. Este... este deve ser o gosto de para sempre. Tenho certeza disso.

1



YASMEN

Você raramente vê coisas boas pelo espelho retrovisor.

Uma lição que eu já deveria ter aprendido, mas mesmo assim, dou uma olhada para o banco traseiro e vejo a minha filha desrespeitar as regras. Seu irmão, no banco do passageiro ao meu lado, também faz o mesmo.

— Pessoal, vocês sabem que não é hora de usar o celular — digo, dividindo a atenção entre a rodovia interestadual e os dois. — Guardem já, por favor.

— Mãe, sério? — Minha filha Deja suspira com a irritação de uma menina de treze anos. — As aulas da escola e de dança já terminaram. Dá um tempo.

— Desculpa, mãe — Kassim diz, pondo o celular no colo.

Deja deixa escapar outro suspiro, como se não soubesse quem a irrita mais, se eu, por ditar as regras, ou o seu irmão, por segui-las.

— Puxa-saco — ela murmura, com o olhar ainda fixo na tela.

— Deja! — advirto. — Vou pegar esse celular se você não guardar.

Seus olhos, escuros e pontilhados de dourado, se chocam com os meus pelo espelho. Então, ela põe o celular de lado. É como olhar para mim mesma. Somos muito parecidas. Pele macia e negra como noqueira polida. Seu cabelo, como o meu, tende a cachear e enrolar, sempre se contraindo ao menor sinal de umidade no ar. O mesmo queixo teimoso insinuando a vontade de ser uma rival do mesmo nível.

“Ela é igualzinha a você”, minha mãe costumava dizer quando Deja, ainda pequena, se metia em brigas, apesar de minhas advertências para tomar cuidado. Ela se levantava e fugia de novo com arranhões e hematomas novos. “Bem feito! Agora você vai ver o que tive que aguentar ao criar você.”

Sempre achei que seria uma bênção, mãe e filha, cara de uma, focinho da outra. E foi assim por muito tempo... até Deja fazer treze anos. Meu Deus, como odeio essa idade. Não consigo mais me entender com ela.

— Então, como foi o dia de vocês?

Pergunto porque quero aproveitar bem todo esse tempo que temos no trânsito. Meus filhos voltaram para a escola há apenas duas semanas, e gostaria de começar o ano letivo deles com o pé direito.

— Jamal levou o lagarto dele para a escola — Kassim diz, sorridente, com os seus olhos encontrando os meus numa breve olhadela. — E ele escapou da mochila no meio da aula.

— Ai, meu Deus! — Rio. — Ele conseguiu capturá-lo?

— Conseguiu, mas levou uns vinte minutos. Ele é rápido. O lagarto, quero dizer. — Kassim torce um botão da camisa branca engomada do uniforme escolar. — Algumas meninas começaram a gritar. A sra. Halstead ficou em pé na cadeira, como se fosse uma cobra ou algo assim.

— Eu também teria surtado — admito.

— Era um lagarto inofensivo. Não era um monstro-de-gila ou um lagarto-de-contas mexicano — Kassim informa. — Esses são dois dos tipos peçonhentos encontrados na América do Norte.

Pego Deja olhando para a parte posterior da cabeça do irmão, como se ele tivesse saído de TARDIS de Doctor Who. Com o fluxo constante de cultura inútil e fascínio de Kassim por... bem, tudo... às vezes deve parece que ele saiu mesmo.

— Nunca um momento de tédio com Jamal — digo com uma risada. — E você, Deja?

— Hum? — ela pergunta, num tom desinteressado, distraído.

Quando volto a olhar para o retrovisor, vejo apenas seu perfil. Ela está observando a rodovia pela janela. O trânsito das seis da tarde parece um grande estacionamento; uma frota enorme conduzida por motoristas de Atlanta que voltam do trabalho avançando devagar e negociando espaços apertados num jogo de Tetris veicular.

— Perguntei como foi o seu dia — volto a tentar.

— Foi legal — Deja responde, com os olhos fixos no trânsito além da sua janela. — Papai está no restaurante?

Lá se vai a conexão.

— Hã, sim. — Piso no freio quando um Prius me dá uma fechada. — Vocês vão jantar lá e, quando terminarem, o seu pai vai levá-los para casa.

— Por quê? — Kassim pergunta.

— Por que o quê? — Espero que o motorista do Prius decida o que quer fazer.

— Tipo, o que você vai fazer? — Kassim pressiona.

— Hoje é o aniversário de Soledad — digo a ele, mudando de faixa com cuidado. — Vamos levá-la para jantar fora. Não deixem de fazer a lição de casa. Não quero que vocês fiquem para trás.

— Meu Deus, mãe. — Deja suspira. — Mal voltamos das férias e você já começou a encher o saco.

Capto um olhar incisivo de Kassim no assento dianteiro para Deja no banco traseiro.

— Tenha modos, Day — ele diz.

Ela resmunga algo baixinho.

— O que foi? — pergunto, lançando um olhar para ela pelo espelho enquanto pego a saída da rodovia. — Você tem algo a dizer?

— Já disse. — Olhos desafiadores e ressentidos encontram os meus.

— Eu não ouvi.

— E é problema meu?

— É, sim. Se você é grande e durona o suficiente, diga alto para eu ouvir.

— Mãe, caramba. — Ela belisca a ponte do nariz. — Por que você é tão... aff!

Tenho mil respostas para isso, mas todas elas só piorariam a tensão entre nós. Se eu tivesse falado assim com a minha mãe, ela teria se virado e dado um soco na minha boca. Deus é testemunha de que amo a minha mãe, mas não quero isso. Respiro fundo para me acalmar e tento me lembrar de que prometi a mim mesma que faria as coisas de outra forma com os meus filhos, ficando em algum lugar entre uma criação gentil... e minha mãe.

Paro num sinal vermelho, me viro para olhar por cima do ombro e encontro o olhar duro de Deja. A impressão é que ela sempre está reforçando o muro entre nós, empilhando tijolos antes que eu possa tocá-la do outro lado. Sinto saudade da menina que gostava das nossas guerras de travesseiros, de grelhar marshmallows na fogueira do quintal e de fazer as minhas unhas no sábado de manhã. Faz parte do crescimento ou estamos nos distanciando? Ou as duas coisas?

— O seu pai e eu esperamos que você dê um exemplo melhor para o seu irmão — digo a ela.

— Bem, o papai não está mais por perto. — Deja vira a cabeça, desviando os olhos de mim e voltando a olhar pela janela. — Está?

Embora Josiah não viva conosco, ele mora apenas a duas ruas da nossa, e Deja e Kassim o veem todos os dias. Ainda assim, a culpa me provoca um aperto no peito. Por mais que queira acreditar que as coisas entre Deja e mim se desgastaram por causa dos seus treze anos, não posso mentir para mim mesma. O problema começou com o divórcio. Aqueles olhos, antes sempre brilhando de tanto rir, agora parecem velhos demais para o resto do seu rosto, e não apenas por ver mais um ano passar, mas por testemunhar a dissolução do casamento dos pais ao longo dos últimos anos.

— Ficou verde, mãe — Kassim diz.

Antes que alguém buzine, acelero e passo pela placa azul e branca que indica que estamos entrando em Skyland, uma das regiões mais vibrantes da cidade de Atlanta. Os músculos do meu ombro relaxam conforme saímos da tensão da interestadual e alcançamos o ritmo mais sossegado e o trânsito mais tranquilo das ruas estreitas de Skyland. Combina o charme e a intimidade de uma comunidade menor com a proximidade da energia explosiva e opções ilimitadas de

uma cidade de nível internacional. Percorremos a Main Street, margeada por calçadas de paralelepípedos, butiques e mesas com toalhas dos cafés. Saio da rotatória que circunda a fonte no centro da Sky Square e prossigo até o Canja, o nosso restaurante, ficar à vista.

Downtown Skyland é uma mistura perfeita de preservação e progresso. Os guardiões do zoneamento urbano conservaram diversas casas históricas, adaptando-as para negócios. O Canja, nosso restaurante soul food, é um exemplo notável. Assim que meus olhos pousaram na casa de dois andares em estilo vitoriano, com a sua varanda envolvente, me apaixonei por ela. A casa estava em ruínas, mas tínhamos um empréstimo bancário, ideias até demais e uma pilha de receitas de família. Josiah tinha a pós em administração, mas eu trouxe a visão de um restaurante sofisticado e “caseiro”, especializado em reinventar pratos antigos e apreciados do sul dos Estados Unidos. Demoramos algum tempo para chegar ao “alto padrão”. Durante muito tempo, fomos mais um restaurante do tipo familiar. Toda a nossa atividade ficava espremida num pequeno espaço comercial na zona sul de Atlanta. Muita coisa mudou, muita coisa se perdeu, muita coisa se ganhou.

Além das duas crianças neste carro, o Canja é o que mais me dá orgulho. Também é o nosso bebê. Mesmo quando as coisas desandaram entre Josiah e mim, ainda tínhamos os nossos três bebês. Deja, Kassim e este lugar, o Canja. Ao nos darmos conta de que aquelas eram as únicas coisas que nos mantinham unidos, sabíamos que seria melhor desfazer o casamento do que continuar aquilo que tínhamos nos tornado.

Bem, eu sabia.

Ao chegarmos ao restaurante, estaciono numa vaga reservada bem na frente e desligo o motor. Kassim abre a porta, sai do carro e sobe os degraus até a entrada do Canja sem dizer uma palavra. Deja também desembarca e fecha a porta. Estabanada, com os braços esqueléticos e as pernas de girafa, ela está usando a saia xadrez do uniforme escolar e um tênis rosa de cano alto. Ela faz uma breve pausa para digitar, já colada ao celular outra vez. Em seguida, entra no restaurante.

Já nem tenho paciência para lembrá-la a respeito do horário de uso do celular. Que Josiah se preocupe com isso pelas próximas horas. Pego uma sacola com roupas no porta-malas, subo os degraus e abro a pesada porta da frente com o nosso logotipo. Assim que atravesso a soleira, uma sensação de dever cumprido surge em mim tão forte e real quanto o cheiro de frango frito e verduras saborosas que impregnam o salão decorado com bom gosto. O restaurante está cheio hoje. Ultimamente tem lotado todas as noites. Que diferença faz um ano.

Do outro lado do salão, vejo Deja e Kassim junto a um homem que não conheço. De meia-idade e estatura mediana, ele está ao lado de uma mulher

miúda, que usa um dólma branco de chef e calça justa. A reputação e a perícia culinária de Vashti Burns ajudaram a salvar o nosso negócio da beira da ruína. Sua pele negra escura é um lindo contraste com o natural cabelo castanho-avermelhado cortado rente. O fato de ter menos cabelo dá espaço para as maçãs do rosto salientes aparecerem. Vashti abre os lábios carnudos e exhibe os dentes brancos e alinhados num sorriso para o homem alto ao seu outro lado.

Josiah.

Meu ex-marido é um desses caras. Um homem que chama a atenção pelos ombros largos e pelas longas pernas, que lhe proporcionam passos enormes e determinados, como se ele precisasse chegar a algum lugar, mas sem parecer apressado. Eu era recepcionista de um restaurante quando nos conhecemos. Josiah, esperando uma mesa com um grupo de amigos, seduziu os meus ouvidos antes mesmo que meus olhos pousassem nele: aquela sua risada abundante se desenrolava como fita de seda preta e fazia as pessoas virarem a cabeça. Virou a minha cabeça. Não que Josiah tenha tido muito do que rir nos últimos anos. Droga, nenhum de nós teve, mas ele está rindo agora, ao lado da nossa nova e bela chef.

Um grupo de mulheres risonhas passa pela porta. Perfumadas, usando saltos agulhas e vestidos justos, elas se amontoam ao redor do pódio da recepcionista. No Canja, o jeans se sente tão em casa quanto a melhor roupa de domingo. Ou, no caso delas, um traje de balada. Ofereço um sorriso a elas enquanto a recepcionista as recebe e me dirijo até Josiah e as crianças. Quando estou a poucos metros de distância, Josiah levanta os olhos e o seu sorriso faz aquela coisa de congelar ao me ver e depois se funde completamente numa linha neutra. Dói um pouco o fato de ter desaparecido a sensação de bem-estar que costumávamos compartilhar. É uma das coisas que nunca recuperamos desde o período mais doloroso da nossa vida. Aquela sensação de bem-estar veio por meio do amor, da paixão, da parceria. Pelo menos ainda somos parceiros, mesmo que apenas no negócio e na criação dos nossos filhos.

— Oi — Josiah murmura com a sua voz grave, profunda e familiar quando me junto ao pequeno grupo. — Não sabia que você estava aqui. Achei que você tivesse deixado as crianças e ido embora.

— Não. — Dei um tapinha na sacola e abri um sorriso educado para Vashti e o desconhecido. — Só preciso me trocar antes de ir.

— Me deixe apresentar você — ele diz. — Yasmén, este é William Granders, crítico gastronômico do Atlanta Journal-Constitution. William, Yasmén Wade, minha sócia.

Um crítico gastronômico. Então é por isso que ele está sentado em nossa melhor mesa.

— Prazer em conhecê-lo, sr. Granders — digo e estendo a mão para ele.

Ele retribui o aperto de mão com um sorriso antes de tomar um gole do seu vinho francês.

— Bom ver você de novo, Yasmen — Vashti afirma, com a voz modulada e agradável.

— É bom ver você também.

Embora Vashti já esteja trabalhando aqui há cerca de um ano, não nos conhecemos muito bem. Eu ainda estava num hiato quando Josiah a contratou após uma série de substituições falhar depois da morte da tia Byrd. Vashti se formou em gastronomia e, como Byrd costumava dizer, tinha aquela manha que os cozinheiros mais talentosos têm. Vashti nos salvou do desastre, mas algo que não consigo identificar impediu que nós duas nos tornássemos amigas. Os clientes e os funcionários a amam. Meus filhos a amam. Josiah... apoia uma grande mão em seu ombro. O toque é inofensivo. Platônico, mas algo nele... me incomoda.

— Ei, crianças, vamos pegar uma mesa para que vocês possam comer — digo, sorrindo para o sr. Granders. — Espero que o senhor goste dos nossos pratos.

— Será impossível não gostar. — Ele lança um olhar admirado para Vashti. — Vocês têm uma joia rara aqui. Não tomo uma sopa de galinha como essa desde... Na verdade, nunca tomei uma igual.

— Temos muita sorte — concordo com um sorriso.

— Há uma mesa reservada para vocês nos fundos, perto da cozinha — Josiah diz, dando um beijo rápido na testa de Deja. — Vejo vocês lá já, já. O que vão querer comer?

— Costela. — Kassim aumenta a voz, lambendo os lábios.

— Você vai virar uma costela, rapazinho. — Vashti ri. — Só come isso. Quando você vai experimentar o meu frango frito?

— Da próxima vez? — Kassim dá de ombros com um sorriso encabulado.

Se Deja é uma miniatura minha, Kassim é uma de Josiah.

— Crianças, vamos para a mesa antes que a sopa do sr. Granders esfrie — digo, olhando para o crítico gastronômico. — Foi um prazer conhecê-lo.

Assim que chegamos à mesa reservada por Josiah, pego dois cardápios da mesa e os entrego para as crianças.

— Vejam o que vocês vão querer — afirmo. — O seu pai já vem para anotar o pedido de vocês.

— Estou morrendo de fome. — Kassim abre o cardápio, arregala os olhos e examina todas as opções.

— Jantar. Ir para casa. Fazer a lição — eu os lembro, olhando de um para o outro. — Nessa ordem. Entendido?

— Entendido — Deja responde, com o rosto coberto pelo cardápio aberto.

— Tudo bem — digo e ajeito a sacola em meu ombro. — Preciso me trocar.

Caminho entre as mesas e sorrio para alguns clientes habituais, mas não paro. O celular vibra na bolsa, e sei que é a minha amiga Hendrix querendo saber onde estou. Pego-o para tranquilizá-la que estou indo, mas os meus passos vacilam e fico paralisada no corredor vazio. Para qualquer outra pessoa, é apenas um trecho do piso de madeira, com as suas tábuas largas, escuras e polidas, mas, em minha cabeça, vejo uma velha mancha se espalhando sob os meus pés. E embora o piso já tenha sido limpo há muito tempo, ainda vejo a minha tristeza incrustada na madeira. Durante meses, não consegui passar por aquele lugar sem que sentisse falta de ar e sem que a minha cabeça não girasse. Minha dor estava engessada nestas paredes. Meus fantasmas e o meu pesar estavam reunidos em torno destas mesas. A ansiedade e o pânico me sufocam com tanta força que mal consigo respirar, mas faço o que a minha terapeuta me ensinou.

Respire fundo e solte o ar aos poucos.

Respire fundo e solte o ar aos poucos.

A princípio, só consigo aspirar pequenas quantidades de ar pelo nariz e a minha cabeça gira. Porém, à medida que consigo respirar mais fundo e de maneira mais prolongada, sinto uma calma vivificante tomar conta dos meus pés e das minhas mãos formigantes. A repetição desse ciclo algumas vezes diminui o meu batimento cardíaco e afrouxa o aperto em meu peito. Exorcizei muitos dos meus demônios. Não todos, mas o suficiente para pelo menos entrar no Canja sem sair correndo dele. Estou pronta para recuperar o espaço que perdi e a sorte que tentaram tirar de mim.

Quando abro os olhos, é apenas um piso polido com um brilho intenso. Houve um tempo em que eu teria caído daquele penhasco, sem fôlego e em pânico, deixando os demônios me expulsarem daquele lugar que tanto amo. Um sorriso minúsculo ergue o canto da minha boca e dou um passo e depois outro.

Então, é assim que é se sentir melhor.

Em direção ao escritório, passo pelo tumulto da cozinha. O tilintar das panelas, os cheiros tentadores, as risadas estridentes e a gritaria escapam do espaço que sempre foi o domínio de Byrd. Aceno depressa para o pessoal enquanto caminho em direção ao escritório.

A palavra “Particular” está discretamente presente na placa dourada na porta do escritório. Entro e fecho a porta atrás de mim. Josiah é um homem de ordem e disciplina, e o escritório reflete isso. Quando dividíamos o espaço, nunca foi tão organizado. O meu lado do nosso quarto sempre parecia um desastre natural, enquanto o lado dele parecia... bem, parecia isto. Muito embora eu esteja voltando ao ritmo das coisas aqui no restaurante, não tenho usado o escritório. E isso fica evidente.

A escrivaninha está vazia, exceto por alguns papéis separados em pilhas organizadas, com as bordas alinhadas com perfeição. Nem uma partícula de poeira ousaria ficar em qualquer uma das superfícies reluzentes. Josiah estaria arrancando os cabelos se visse o nosso quarto agora. Não sou uma daquelas pessoas que faz a cama todas as manhãs. Quer dizer, ninguém fica no meu quarto o dia todo e só volto para ele à noite. Gosto da minha cama esperando por mim toda desarrumada, como estava quando saí dela. Já o Josiah? Gosta do lençol esticado, sem nenhuma prega, com os cantos afiados como um canivete suíço. Ele é uma daquelas pessoas que sabe como dobrar um lençol com elástico e transformá-lo num pequeno quadrado.

Esquisitão.

Entro no banheiro do escritório, fecho a porta e a tampa do vaso sanitário.

E me sento.

A vida passa num piscar de olhos. Responsabilidades, filhos, oportunidades: tudo se precipita sobre nós com a força de um projétil. Com todas as coisas voando em minha direção, aprendi a parar e verificar a existência de amassados e hematomas. Já fui ferida durante o caminho com resultados desastrosos. Agora, sempre paro, pelo menos por um maldito minuto, para ter certeza de que estou bem. Às vezes, preciso me sentar no vaso sanitário, respirar fundo e sobreviver entre os segundos. Apenas por alguns momentos, isolada por paredes finas e uma porta fechada.

Após alguns segundos de silêncio restaurador, fico de pé para me despir das atribuições do dia com a minha calça jeans e a camiseta. Faço uma busca debaixo da pia, rezando para encontrar o desodorante de emergência que costumava guardar ali.

— Isso!

Com um rápido movimento dos quadris, aplico o desodorante. Meu rosto está sem nada, então, pego o estojo de “deslumbrante em minutos” e aplico base, blush e rímel. Lavei o cabelo naquela manhã e o condicionador ainda doma o meu cabelo natural, deixando-o com cachos, e não um halo afro e crespo.

Posso estar improvisando em relação ao cabelo e à maquiagem, mas pelo menos sei que o vestido é elegante e tem um toque provocante. Hibiscos rosa florescem na saia verde-esmeralda e o corpete segura e molda os meus seios como um namorado. Não que eu tenha tido um desde o meu divórcio. Ergo os braços e dou uma olhada nas axilas no espelho do banheiro.

— Não estão bem depiladas? — pergunto à mulher que olha de volta para mim. Olhos brilhantes. Cachos definidos. O batom rosa fosco está fantástico. As sobrancelhas estão demais. E a ioga fez bem ao corpo. Nunca terei as medidas que tinha antes de ter filhos, e estou numa boa com isso. A minha saúde não é um número na balança ou uma etiqueta na minha calça.

Me sinto bem com o meu corpo, porque ele me ajuda a enfrentar a vida. Quero estar por perto o máximo de tempo possível para ver os meus filhos crescerem. Então, eu cuido disso. Não me lembro da última vez que me senti assim. Me sinto...

— Eu mesma. — Abro um sorriso para a mulher no espelho. — Me sinto eu mesma.

O celular vibra na bolsa.

— Droga! — Pego o celular. — Oi, Hendrix.

— Onde você está? — ela pergunta.

A voz rouca de minha amiga é sempre contundente. Em geral, devido ao seu trabalho de grande importância e a sua vida em alta velocidade, ela soa como se estivesse pronta para atacar qualquer pessoa com quem está falando.

— Saindo do Canja agora. Se eu conseguir fechar este vestido. — Pressiono o celular entre a orelha e o ombro e me estico para alcançar as costas. — Você já está no Sky-Hi?

— Já. Entrando agora.

— Fica no final da rua. Em menos de dez minutos, estou aí.

— Tudo bem. Tchau.

Volto a me concentrar no zíper, que teimosamente fica parado no meio das minhas costas.

Dane-se.

Vou pedir à recepcionista para fechar o zíper para mim. Pego as minhas coisas e saio do banheiro no exato momento em que a porta de entrada do escritório se abre e Josiah entra. Ele me olha de alto a baixo, começando pelo meu cabelo cacheado e terminando nos dedos descalços dos meus pés.

— Desculpa. Não sabia que você estava aqui — ele diz e se dirige com passos largos até a escrivaninha, abre uma gaveta e pega uma pequena pilha de cartões. — Granders quer um cartão de visita.

— As pessoas ainda usam isso?

Josiah dá de ombros nos limites do paletó do terno sob medida.

— Pelo visto, ele ainda usa. Espero que ele escreva uma boa crítica a nosso respeito. A visibilidade vai ser boa.

— As coisas estão...

Hesito, sem saber aonde a minha pergunta vai levar. Josiah nunca me pressionou quando eu não conseguia me arrastar para fora do buraco negro, quando apenas abrir os olhos e respirar parecia uma tarefa árdua. Ele me protegeu de como as coisas tinham ficado ruins financeiramente no restaurante. Achamos que teríamos tempo para aprender, para nos estabelecermos, para crescer. Em vez disso, perdemos Byrd, o nosso esteio, no meio da maior transição que o nosso pequeno negócio já tinha experimentado. Só quando a minha

névoa começou a se dissipar que percebi o quão perto chegamos de perder este lugar. De perder tudo.

— Si, estamos com problemas de novo? Eu posso...

— Estamos numa boa — Josiah interrompe, suavizando um pouco a expressão dura das suas feições. — De verdade, o negócio nunca esteve melhor.

— Se precisar que eu faça mais por aqui, posso ajustar algumas coisas.

— Você está onde mais precisamos de você. — Sua resposta é baixa, mas segura. Seus olhos estão escuros, firmes. — O fato de saber que você está com as crianças, ajuda nas lições, participa das reuniões da escola e acompanha as notas, me libera para me concentrar no restaurante e garantir que a gente fique bem. E que a gente permaneça bem.

As duas crianças sofreram um pouco depois do divórcio. Deixa, em particular, foi ficando cada vez mais rebelde e as suas notas pioraram. Com Josiah lidando com tanta coisa no restaurante após a morte de Byrd, concordamos que eu me concentraria mais em casa e daria aos nossos filhos o máximo de estabilidade possível.

— Bem, se a situação mudar, me avise — digo, forçando uma leveza no tom de voz. — Equipe Wade, não é?

Aquele costumava ser o nosso grito de guerra quando as coisas ficavam difíceis. O que fosse necessário fazer, fazíamos juntos. Um músculo se contrai em sua mandíbula, e Josiah desvia o olhar do meu para um ponto além do meu ombro. Talvez para algum momento do passado, lembrando a turbulência dos últimos anos, como eu faço com mais frequência do que gostaria de admitir. Seu silêncio prolongado se torna sufocante, me deixando outra vez sem ar.

— Sempre que você quiser arrastar a mal-agraçada da Deixa para as aulas de dança, me avise. Podemos negociar — digo, irônica, esperando dissipar o peso que tomou conta do lugar.

Josiah se volta para mim, e o seu olhar distante desaparece.

— Prefiro trabalhar dia e noite. Você pode ficar com isso.

Seus lábios carnudos sorriem, e eu me pego sorrindo de volta. A expressão de Josiah é interessante o suficiente para fazer a beleza parecer trivial, ainda que ele seja um homem inegavelmente belo. O tipo de belo que faz você perder o fio da meada no meio da frase e morder o lábio. Sua incrível pele escura reluz, esticada sobre os ossos bem-esculpidos do rosto. O fato de ele ser tão controlado e quase austero deixa sem limites a sua presença. Ficar ali com ele, com a sua energia — uma combinação de ambição, e audácia, e arrogância — forma redemoinhos em torno de nós no escritório. É como ser arrolhada numa garrafa com um tufão.

Suas sobrelhas se erguem. Fico só olhando.

— Ah. — Me viro de costas para ele, tanto para recuperar a compostura quanto para o zíper do vestido ser fechado. — Está preso. Você pode ajudar?

Josiah não responde. Seus passos são tão silenciosos que mal o ouço atravessar o escritório. Então, me assusto com o calor do seu corpo aquecendo a minha pele exposta. Seus dedos roçam a minha coluna enquanto ele toca o zíper. A princípio, o zíper não se move. Assim, Josiah dá um puxão. Mesmo apenas esse leve toque deixa a minha pele arrepiada. Olho por cima do ombro e para cima, e fico sem ar quando os nossos olhos se encontram. O ar ao nosso redor praticamente estala, carregado com uma eletricidade familiar que tinha esquecido que era possível.

Ele pigarreia e desliza o zíper para cima.

— Pronto!

Me viro para encará-lo e me sinto despreparada para o quão perto ele está. Estou descalça e a minha visão se limita ao peito largo e aos ombros do homem à minha frente. Já não ficamos mais sozinhos desse jeito. Levamos vidas separadas que só se cruzam em nossos filhos e em nossos negócios. Em geral, Kassim e Deja estão por perto, ou os funcionários, os amigos, os orientadores, os professores. Raramente somos só nós dois. Costumávamos nos conhecer melhor do que ninguém. Agora, já não sei a que Josiah assiste no pouco tempo livre que tem longe deste lugar ou o que ele faz de fato.

— Você já viu Ozark? — pergunto.

A linha grossa de suas sobrancelhas se abaixa.

— Não? É boa?

— É uma das melhores séries que já vi. Os atores, a direção, o roteiro são incríveis.

Estou divagando. Quero enfiar uma meia na boca para parar de falar.

— Vou ter que, hã... conferir. — Josiah olha para a porta. — Preciso voltar lá para o Granders.

— Tudo bem. — Enfio a mão no fundo da minha sacola para pegar o par de sapatos verdes de salto alto e me curvo para calçá-los. — Também tenho que ir. Josiah me olha da cabeça aos sapatos.

— Você está... bonita.

— Bonita? — Pego a sacola, agora cheia com as roupas com que cheguei ao restaurante, corro para a porta, me viro e dou um sorriso irônico. — Que nada. Estou incrível.

Ele balança a cabeça, se permitindo um leve sorriso.

— Sim, você está incrível. Divirta-se.

— Vou tentar não ficar na rua até muito tarde. Não deixe as crianças ficarem acordadas a noite toda. Elas têm aula amanhã, Si.

— Como se eu fosse o pai molenga.

Nós dois sabemos que ele é. Então, apenas encaro Josiah até o seu sorriso se alargar e alcançar aquele brilho surpreendente capaz de tirar o fôlego.

— Então vá — ele diz. — Vejo você em casa.

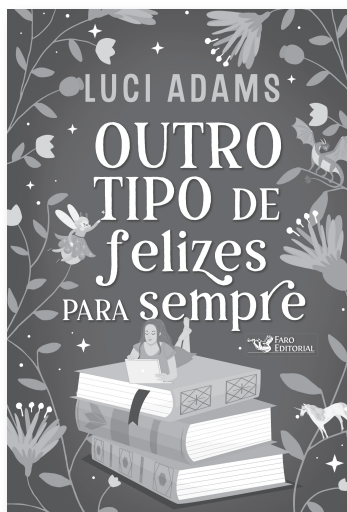
A casa.

Não o lar. Não o lar ideal para o qual trabalhamos e sobre o qual fantasia-
mos durante anos. Agora é só a casa em que eu e as crianças moramos. A casa
de Josiah fica no mesmo bairro, mas a duas ruas de distância. Não sei por que
os meus pensamentos continuam revisitando o passado hoje, quando a minha
reflexão, a minha mentalidade, tudo em suma tem a palavra “futuro” escrita nele.

— Deixa isso pra lá — digo a mim mesma, entrando no carro e saindo do
estacionamento do restaurante. — Está na hora da diversão.



LEIA TAMBÉM



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2024